

## “Jesus é travesti”: um olhar sobre a LGBTfobia em discurso polêmico no Instagram

**Andréa Mendonça Cunha**

Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil  
andreamendonca07@gmail.com

**Márcia Regina Curado Pereira Mariano**

Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil  
ma.rcpmariano@gmail.com

**Resumo:** Neste artigo visamos à análise de uma publicação do cantor Johnny Hooker em seu perfil no Instagram e de alguns comentários feitos por seus seguidores. O seu discurso, ainda que não explicitamente, mostra-se como nota de repúdio ao cancelamento da apresentação da peça “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”, protagonizada pela atriz transexual Renata Carvalho, em que Cristo é representado como uma travesti, no Festival de Inverno de Garanhuns 2018. Em nossa análise, destacamos as estratégias argumentativas mobilizadas pelo cantor em defesa do espetáculo (escolhas lexicais, intertextos, figuras etc) e ainda aquelas às quais recorreram seus seguidores em comentários polêmicos contra o posicionamento do artista, como o uso do argumento *ad hominem*, que revelou discursos lgbtfóbicos. Para atingirmos nosso objetivo, recorremos a estudos (neo)retóricos, argumentativos e discursivos, como os de Aristóteles (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Maingueneau (2001), além de Butler (2004), para as questões de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Argumentação. Instagram. LGBTfobia. Retórica.

**Abstract:** In this article we aim to analyze a publication of singer Johnny Hooher on his Instagram profile and some comments made by his followers. His speech, although not explicitly, shows as a note of repudiation to the cancellation of the presentation of the play “The gospel according to Jesus, Queen of Heaven”, the transsexual actress Renata Carvalho, in which Christ is represented as a transvestite, at the Garanhuns Winter Festival 2018. In our analysis, we highlight the argumentative strategies mobilized by the singer in defense of the show (lexical choices, intertexts, figures, etc.) and also those to whom his followers appealed in controversial comments against the position of the artist, such as the use of the *ad hominem* argument, which revealed lgbtphobic discourses. To achieve our objective, we used (neo)rhetorical, argumentative and discourse studies, such as those of Aristotle (2011), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005) and Maingueneau (2001), in addition to Butler (2004), for gender and sexuality issues.

**Keywords:** Argumentation. Instagram. LGBTfobia. Rhetoric.

## Introdução

A cada 19 horas uma pessoa LGBTQIA (Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti, Transgênero, Queer, Intersexual, Assexual) é vítima de violência no Brasil.<sup>1</sup> Com esse dado, colocamo-nos como o país que mais mata LGBTQIA no mundo.<sup>2</sup> Entendemos que as violências física e simbólica que essas ditas minorias enfrentam constituem um grande problema social que possui raízes no discurso hétero-cis-normativo<sup>3</sup>, o qual, absorvendo discursos machistas, patriarcais e religiosos, reafirma e cristaliza concepções identitárias de sexo e gênero como realidades imutáveis, que se repetem em afirmações como: “homem é homem”; “Deus fez o homem e a mulher”; “a mulher foi feita para servir ao homem”; “a mulher deve ser feminina e delicada.”

Nos últimos anos, deparamo-nos com um crescente empenho de parte da sociedade, inclusive da mídia, em tornar a comunidade LGBTQIA mais visível e integrada socialmente. Nessa proposta, as redes sociais apresentaram-se como ferramentas relevantes para a criação de ambientes de debate, visibilidade e representatividade, já que têm sido utilizadas como espaço para reivindicações de direitos por parte de grupos considerados minoritários. No entanto, é preciso considerar que o caráter democrático dessas redes também proporciona lugar para o discurso polêmico, em razão da possibilidade de criação dos mais variados perfis, abarcando diferentes vivências, valores e opiniões. Desse modo, as redes sociais mostram-se como um espaço privilegiado para o universo da *doxa*, ou seja, para a controvérsia e a disputa entre diferentes pontos de vista. No caso dos discursos sobre identidade de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo em que nelas encontramos uma forte disseminação de discursos de empoderamento LGBTQIA, encontramos também seu contradiscurso.

Esse caráter polêmico dos discursos que envolvem questões de identidade de gênero e sexualidade, assim como dos discursos que tratam de

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em <https://emails.estadao.com.br/blogs/familia-plural/a-cada-19-horas-uma-pessoa-lgbt-e-assassinada-ou-se-suicida-no-brasil/>. Acesso em: 16 de set. 2019.

<sup>2</sup> Informações disponíveis em <https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transsexuais-23234780> Acesso em 16 de set. 2019.

<sup>3</sup> A hétero-cis-normatividade compreende um padrão imposto aos corpos e aos seus desejos, que exige das pessoas relacionamentos afetivos e sexuais com o gênero oposto (heterossexuais) e uma identidade de gênero que coincida com o sexo biológico (cisgeneridade).

religiosidade e posicionamento político, que também aparecem em nosso corpus, os insere no escopo dos estudos da retórica e da argumentação e nos permite analisar as estratégias que são mobilizadas em defesa de diferentes pontos de vista. Nessa direção, neste artigo assumimos o objetivo de analisar as estratégias retórico-argumentativas e discursivas mobilizadas pelo cantor Johnny Hooker e por seus seguidores em uma postagem e em comentários em seu perfil no Instagram, referentes ao cancelamento da peça teatral “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”, durante o Festival de Inverno de Garanhuns 2018. Nesse espetáculo, protagonizado pela atriz transexual Renata Carvalho, Jesus Cristo foi representado como uma travesti. Como objetivo específico, refletimos sobre os acordos prévios da argumentação e sobre o auditório dessa rede social.

Com tal intuito, recorreremos aos estudos retóricos, neo-retóricos e discursivos a partir de Aristóteles (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Ferreira (2010) e Maingueneau (2001), no que diz respeito à noção de *ethos* e a outras estratégias argumentativas. Além disso, baseamo-nos ainda nos estudos *queer* a partir de Butler (2004) e Louro (1997), uma vez que tocamos em questões de identidade de gênero e sexualidade. Por fim, ainda nos valem os trabalhos de Amossy (2016; 2017), acerca do discurso polêmico.

### **1. Teoria Queer: um olhar sobre identidades e sexualidades marginalizadas**

O século XX mostra-se como terreno fértil para o debate acerca de identidades e sexualidades. Na década de 60, a eclosão dos estudos pós-estruturalistas, denominados de Teoria Queer, marca um momento de revoluções nas noções de sexo e gênero. A partir desses estudos, torna-se inviável entender a sexualidade e a identidade dos sujeitos como algo preconcebido, ou seja, determinado biologicamente. De acordo com Butler (2004), é preciso conceber tanto a noção de sexo quanto a de gênero como construções sociais e discursivas. Por essa razão, mostra-se fundamental lançarmos um olhar sobre o sujeito, entendendo que sua sexualidade e identidade se constroem por meio das relações sociais e pelo contato com práticas discursivas, admitindo ainda a pluralidade e a instabilidade dessas construções.

Considerando que essas noções não são muito bem-aceitas em nossa sociedade, posto que a disseminação de práticas discursivas que reafirmam uma norma é hegemônica, os corpos que constroem sua sexualidade e identidade fora da hétero-cis-normatividade são sempre deixados às margens e entendidos como patológicos e anormais.

Segundo Louro (1997), são os próprios discursos, embebidos em sua relação com o poder, que (re)produzem um ideal, que incitam a normalização dos sujeitos que se expressam como heterossexuais e cisgêneros e reprimem toda e qualquer vivência que a subverta. Ainda de acordo com o autora (p. 28), “a sexualidade é regulada através do policiamento e da censura do gênero”. Com isso, entendemos que a própria exigência do corpo em se afirmar como masculino ou feminino já se apresenta como um mecanismo de imposição, prescrevendo ainda a obrigatoriedade de uma relação mimética entre sexo e gênero que, por sua vez, também deverá regular a sexualidade do sujeito.

Por outro lado, nos estudos *queer*, a hétero-cis-normatividade é questionada e em seu lugar propõe-se um rompimento com o sistema binário de gêneros e a não obrigatoriedade de uma relação mimética entre sexo e gênero, visto que, como já dito, a identidade de gênero deve ser entendida como uma construção social e discursiva. Assim sendo, Butler (2004) entende o corpo:

[...] não como um feito estático e já realizado, mas como um processo de envelhecimento, um transformar-se em que o corpo, ao se converter em algo diferente, excede a norma e nos faz ver como as realidades as quais cremos estarem confirmadas não estão escritas em pedras (BUTLER, 2004, p. 51).

Nesse sentido, é preciso nos atentarmos ao próprio meio pelo qual as identidades e sexualidades se constroem: o discurso. É por meio dele que as normas são criadas e disseminadas, mas também é a partir dele que se cria a resistência. Assim, cabe-nos refletir sobre a função regulamentadora dos discursos médico, pedagógico, escolar e religioso até mesmo quando não dizem, ou seja, quando silenciam a pluralidade e a mutabilidade das vivências dos sujeitos.

Esses silenciamentos, que repercutem diretamente na invisibilidade e na marginalidade de pessoas LGBTQIA, são apresentados por Foucault (2014) sob

o nome de interdição, separação e vontade de saber. A quase inexistência de debates acerca de identidades e sexualidades de maneira plural nos discursos médico, pedagógico, escolar e religioso é reflexo da interdição, que coloca questões de gênero e sexualidade como tabus, limitando, portanto, a sua enunciação. Por meio desses mecanismos de exclusão, vemos que:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, arquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 9).

Sendo assim, é inegável o fato de que grande parte das práticas discursivas, que circulam em nossas interações, está a serviço da consolidação do imperativo hétero-cis-normativo. Portanto, na análise do nosso *corpus*, buscaremos também identificar possíveis marcas desses discursos que excluem, marginalizam e criam imagens negativas da comunidade LGBTQIA, evidenciando quais argumentos sustentam determinados pontos de vista. Nesta tarefa, os estudos retóricos e da argumentação (neo-retóricos e discursivos) oferecem conceitos que permitem observar o trabalho do orador/enunciador na escolha (mais ou menos consciente) de estratégias linguísticas que lhe permitam alcançar seus objetivos de persuasão, como veremos adiante.

## **2. LGBTQIA nas redes sociais: uma estratégia de visibilidade**

A comunidade LGBTQIA, assim como qualquer outra dita minoria, tem sua história marcada pelo fantasma da invisibilidade. Aquele que não atende à norma que estabelece os padrões de sexualidade na sociedade, ou seja, à cisgeneridade e à heterossexualidade, nunca foi bem-visto e aceito por ela. Isso implica ainda um processo de exclusão que lhe toma direitos básicos como o de emprego formal, expectativa de vida, união estável, chegando ainda, em alguns países, a homossexualidade ser considerada como crime. Diante de tamanha marginalização, a luta tornou-se imprescindível para essa comunidade, como uma forma de conquistar esses direitos que lhe são negados, a fim de que seja possível estar e existir na sociedade. Sobre essa questão, não podemos deixar de citar aqui a Rebelião de Stonewall, nos Estados Unidos, no ano de 1969, que impulsionou uma série de outros

movimentos LGBTIQA no mundo. Caracterizada como uma série de manifestações contra a violência sofrida por esses grupos, a Rebelião ficou na história, e sua data - 28 de julho – foi instituída como o Dia Internacional do Orgulho LGBTIQA.

Nesse contexto, a segunda metade do século XX foi marcada por um intenso movimento de ações coletivas de minorias, entre estas, a própria comunidade LGBTIQA. No Brasil, as lutas e reivindicações passaram a ser representadas a partir da criação do Grupo Somos e do Lampião da Esquina. Já na década de 1990, a mídia estabelece como estratégia uma visibilidade massiva desses grupos, criando um mercado segmentado:

[...] que passa a dedicar mais atenção ao potencial consumidor do público LGBT, fornecendo serviços e produtos destinados a homossexuais, como agências de turismo e namoro, discotecas, festivais de cinema, além de sites, publicações e seções sobre temáticas LGBT em grandes veículos de comunicação (BRAGA; GUIMARÃES, 2014, p. 60).

Ainda nesse período, o crescente acesso à internet e às suas ferramentas contribuiu para que “os grupos minoritários pudessem encontrar eco para suas vozes, criar novos significados e buscar legitimação de identidades.” (BRAGA; GUIMARÃES, 2014, p. 68). Nesse aspecto, a adesão às redes sociais facilitou a democratização da informação, impulsionando o sujeito à passagem de uma posição passiva, de apenas telespectador, para atuante na formação de opiniões. Por ser um espaço aberto a todos, as redes se apresentam como lugar privilegiado para o debate, inclusive, para o discurso polêmico. Desse modo, os discursos veiculados nas redes sociais nos permitem evidenciar:

[...] quais são os diversos temas políticos atualmente preocupantes; mostram como eles ressurgem graças a um acontecimento pontual e como são gerados no discurso público. O seu exame permite também encontrar a forma como esses fios se cruzam e se sobrepõem, oferecendo um estado dos lugares do debate público da época. Descobre-se, assim, a realidade de um corpus concreto, uma configuração peculiar do espaço público (AMOSSY, 2016, p. 4).

De acordo com Amossy (2016), embora o discurso polêmico nos revele as emergências sociais, é certo que, muitas vezes, apresenta-se como um discurso desprezado pelos seus excessos, seja pela violência, seja pelas paixões que mobiliza. Indiscutivelmente, a natureza do discurso polêmico

perpassa pelo conflito de valores, ideologias e crenças, sendo que nele “encontramo-nos numa lógica de divisão social, de defesa identitária e de combate pelo triunfo dos valores e opções de seu grupo.” (AMOSSY, 2017, p. 233). Ainda sobre esse conflito mobilizado pela polêmica, Amossy (2017) explica que nele o que predomina é a desqualificação da palavra do outro. Assim:

Todas as armas são boas para o combate. Entretanto, Kerbrat-Orecchioni (1980) coloca como traço definidor essencial o descrédito lançado sobre o outro: a polêmica que visa o discurso do outro é, antes de mais nada, uma palavra de desqualificação. O ataque não visa somente ao discurso do adversário, mas também à sua pessoa. Recorre-se então ao argumento ad hominem, que é considerado um paralogismo, um argumento falacioso (AMOSSY, 2017. p. 231).

Reconhecendo no discurso polêmico o ataque à imagem, a um corpo (individual ou até mesmo coletivo) que existe além da esfera virtual, sabemos que os sujeitos envolvidos em um discurso polêmico revelam pela linguagem (seja por meio de publicações, compartilhamentos, comentários, curtidas) traços de sua identidade, que, como elo de uma cadeia, conectam-se a grupos que compartilham de valores afins.

Ao enveredarmos na análise de marcas linguísticas e discursivas que apontem para a identificação desses sujeitos com determinados posicionamentos, acreditamos ser possível também evidenciar a imagem discursiva que estes criam da comunidade LGBTQIA. É, portanto, com esse objetivo que passamos ao próximo tópico deste artigo, apresentando conceitos que nortearão mais à frente a análise do nosso corpus.

### **3. Da retórica clássica às neo-retóricas: entre acordos e argumentos, alguns conceitos**

Em sua origem, a retórica nasce de uma tensão social, detendo-se, principalmente, nos discursos orais, de ordem jurídica, em defesa de posse de terra em Siracusa. Sendo assim, a antiga retórica caracterizou-se como a arte do bem falar, que tomava como ponto de partida um auditório físico, presente. A modernidade, porém, apresenta-nos uma série de práticas discursivas, que não se limitam aos três gêneros antes postulados por Aristóteles (2011) - judiciário, deliberativo e epidítico. Nesse sentido, surgem novas necessidades e possibilidades de apresentar o discurso, de se portar em

público, principalmente quando pensamos que este público, diante das ferramentas virtuais, está cada vez mais difícil de demarcar.

Nos estudos neo-retóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7), a ideia que se tem de objeto de estudo excede o da retórica clássica. No entanto, assim como na antiga retórica, a neo-retórica também conserva a importância do auditório, reconhecendo que toda argumentação é construída visando a ele. Conseqüentemente, se deseja ser ouvido, é preciso que o orador conheça seu auditório e recorra a ele para adaptar seu modo de ser e de dizer. Esse processo de adaptação deve ocorrer durante toda a argumentação e:

[...] às vezes bastará apresentar-se como ser humano, decentemente vestido, às vezes cumprirá ser adulto, às vezes, simples membro de um grupo constituído, às vezes, porta-voz desse grupo. Há funções que autorizam - e só elas - a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios, há campos em que tais problemas de habilitação são minuciosamente regulamentados (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 21).

Por outro lado, nem sempre é possível determinar o auditório, conseqüentemente, torna-se uma tarefa difícil escolher quais técnicas argumentativas podem ser utilizadas para a construção do discurso. Sendo assim, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22) afirmam ser preferível definir o auditório como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação.” É diante dessa delimitação que é possível articular valores, interesses e crenças afins, o que permite também o estabelecimento de acordos. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), toda argumentação pressupõe acordos com o auditório:

O orador, utilizando as premissas que servirão de fundamento à sua construção, conta com a adesão de seus ouvintes às proposições iniciais, mas estes podem recusar, seja por não aderirem ao que o orador lhes apresenta como adquirido, seja por perceberem o caráter unilateral da escolha das premissas, seja por ficarem contrariados com o caráter tendencioso da apresentação delas (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 73).

Essas premissas, por sua vez, são estabelecidas por meio de diferentes tipos de objetos de acordo. Um deles, relativo ao real, quando se mobilizam fatos, verdades e presunções; já o outro, relativo ao preferível, quando se mobilizam valores, hierarquias e lugares do preferível. Sobre essas possibilidades, é preciso compreender que:



[...] na argumentação, tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para o auditório universal. Em contrapartida, o que versa sobre o preferível, o que nos determina as escolhas e não é conforme uma realidade preexistente, será ligado a um ponto de vista determinado que só podemos identificar com o de um auditório particular (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 74).

A respeito desses objetos de acordo, interessa para nossa análise destacar os valores, as hierarquias e os lugares do preferível, como estratégias mobilizadas para persuadir um auditório específico, uma vez que, embora uma comunidade virtual seja bastante heterogênea, é a um auditório particular (LGBTQIA e simpatizantes) que o cantor Johnny Hooker se dirige ao argumentar em sua publicação no Instagram.

No caso específico do nosso *corpus*, veremos que o cantor Johnny Hooker se depara com a dificuldade de delimitar um auditório particular. Sendo assim, torna-se mais difícil estabelecer acordos ou de, durante a argumentação, estes não serem questionados. Por mais que em uma rede social as páginas de um perfil artístico agrupem pessoas com interesses, valores e vivências em comum, não é possível afirmar que se trata de uma comunidade homogênea, principalmente quando o que está em jogo são questões polêmicas a respeito de temas como religiosidade, identidades de gênero e sexuais. Neste contexto, veremos que, mesmo diante de tantas releituras e aprofundamentos, a retórica continua relacionada à tensão social, entendida como uma “negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”. (MEYER, 2007, p. 25).

As figuras de argumentação e retórica são estratégias que se destacam na negociação de distâncias, na medida em que buscam persuadir pela emoção, e sua compreensão é também importante para a análise de nosso *corpus*. No *Tratado da Argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) baseiam-se nos efeitos de sentido causados pelo uso das figuras no discurso, a saber: “impor ou sugerir uma escolha [figuras de escolha], aumentar a presença [figuras de presença] ou realizar a comunhão com o auditório [figuras de comunhão].” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 195).

A negociação das identidades e das diferenças no discurso, no entanto, nem sempre se dá de maneira pacífica, podendo chegar à ofensa, como na passagem do argumento *ad rem*, que se dirige ao assunto em pauta, para o argumento *ad hominem*, que visa desqualificar o outro. Quanto mais o

auditório se mostrar heterogêneo, mais será perpassado por diferentes valores e interesses. Consequentemente, pouco provável que acordos sejam estabelecidos e que a eficácia retórico-argumentativa seja alcançada. O jogo de imagens discursivas que se estabelece e se revela nessa relação é, portanto, de extrema importância para a persuasão e para a compreensão de como ela é construída em cada situação, como veremos.

#### **4. Ethos discursivo: pensar a corporalidade e a estereotipagem**

O conceito de *ethos* remete à antiga retórica de base aristotélica, onde, junto ao *pathos* e ao *logos*, constitui o triângulo retórico dos meios de persuasão. Nessa abordagem, a retórica é entendida como a ciência que permite observar o que cada caso encerra de persuasivo. (ARISTÓTELES, 2010, p. 44). Na busca pela persuasão, o *ethos* relaciona-se ao caráter do orador, àquilo que ele mostra ser no discurso, e não antes dele; o *logos*, diz respeito ao próprio discurso; e o *pathos*, por sua vez, está ligado ao auditório e suas paixões. Sobre estas, convém esclarecer que se tratam, como aponta Meyer (2007), de uma expressão subjetiva. Segundo o autor, o orador deve levar em conta as paixões de seu auditório e os valores que compartilham, pois é por meio deles que se pode presumir as perguntas e respostas possíveis.

Como vimos, entende-se que, para conseguir a adesão do auditório ao seu ponto de vista, o orador deve assumir uma postura e organizar seu discurso a partir de uma imagem prévia que estabelece, antes mesmo da argumentação, sobre o seu auditório. Do mesmo modo, este também constrói uma imagem do orador anterior à enunciação, onde será confirmada ou não. Neste sentido, é certo que, para a construção dessas imagens discursivas prévias, orador e auditório recorrem a um “esquema coletivo cristalizado”, o que Amossy (2013, p. 125) denomina de estereotipagem. Por meio desse esquema, torna-se possível, para ambos, prever o conjunto de valores e crenças de seu interlocutor e, no caso do orador, nortear o seu discurso no sentido de saber o que dizer e como dizer.

Ainda sobre o *ethos*, numa retomada do conceito aristotélico por meio de uma visada discursiva, Maingueneau (2001) afirma que é preciso articular corpo e discurso, na medida em que, ao termos uma voz que enuncia, temos um corpo enunciante. Desse modo, assim como a operação da

estereotipagem possibilita ao orador a construção de uma imagem prévia do seu auditório, o autor defende a criação de uma imagem prévia também do fiador, esta, mais uma vez, possível a partir de “determinações físicas e psíquicas.” O que Maingueneau (2001) pretende esclarecer é que, em toda enunciação, existe um corpo que está para além da voz, que se situa social e historicamente, inclusive como parte de um coletivo. Assim, trata-se de um tom vocal que remete a um corpo, um autor empírico que é revestido de corporalidade.

Nessa percepção discursiva do uso da linguagem, ainda é importante refletirmos sobre o fato de que nenhum sujeito constrói seu enunciado sem que este seja perpassado por outras vozes. Ao se situar como sujeito, o próprio já se encontra inserido em determinado grupo que, por sua vez, carrega especificidades, ou seja, valores e crenças, características físicas e psíquicas, o que faz com que seja possível afirmar sobre “uma forma de dizer” que remete a “uma maneira de ser.” Assim sendo, Maingueneau (2001, p. 99) nos confere que “a qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse fiador<sup>4</sup> que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado.”

É essa perspectiva ampla de *ethos*, que dialoga o *ethos* retórico ao discursivo, que nos auxiliará a investigar os meios retórico-argumentativos e discursivos mobilizados por Johnny Hooker, em seu discurso publicado no Instagram, e dos seus possíveis seguidores em comentários acerca do posicionamento do cantor sobre conflito gerado no Festival de Inverno de Garanhuns. Entendemos que tomar o conceito de *ethos* ligado à corporalidade e aos estereótipos é de suma importância porque na análise do nosso *corpus*, a seguir, observaremos que a polêmica se forma justamente pela imagem negativa que é criada e reproduzida a respeito dos corpos LGBTQIA, mais especificamente, do corpo travesti.

## 5. Que corpo santo é esse?

O nosso *corpus* é constituído por uma postagem do cantor Johnny Hooker em seu perfil na rede social Instagram, publicada no dia 28 de julho de

---

<sup>4</sup> Para Maingueneau (2001), o fiador é uma representação vocal/enunciante que, no e pelo seu discurso, é investido de um caráter e de uma corporalidade.

2018, e de comentários de seus seguidores, a partir dos quais analisaremos as estratégias retórico-argumentativas e discursivas presentes em seus posicionamentos acerca da polêmica gerada pela peça “O evangelho segundo Jesus, rainha do céu”<sup>5</sup>, interpretada pela atriz transexual Renata Carvalho, no Festival de Inverno de Garanhuns, 2018. Tal polêmica trata do conflito travado entre parte da população e representantes políticos da cidade pernambucana contra a organização do evento e artistas do espetáculo diante da possibilidade da apresentação da peça, vista por aqueles como uma ofensa a Jesus Cristo e ao cristianismo. Nesse impasse, a apresentação foi cancelada e levada ao judiciário, sendo que mais tarde foi autorizada pelo Tribunal de Justiça, mas, mais uma vez, cancelada de última hora. Também no Rio de Janeiro e em Salvador a peça gerou repercussão e crítica negativa, no entanto, não na proporção do festival em Garanhuns.

Considerando que o Instagram é uma rede social que permite a criação de uma infinidade de perfis e que entre estes é possível interagir por meio de comentários, curtidas e compartilhamentos, é certo que a relação entre os sujeitos virtuais se organiza por meio de uma identificação, isto é, de acordos prévios. Assim, acreditamos que os seguidores de uma página são aqueles que compartilham de valores e posicionamentos afins com os do artista, no caso aqui analisado.

Por essa razão, ao publicar seu posicionamento a respeito da polêmica que perpassa a peça protagonizada por Renata Carvalho, o cantor Johnny Hooker se dirigiu a um auditório particular, em grande parte LGBTQIA, ou, pelo menos, simpatizantes. No entanto, consideramos a impossibilidade de um auditório homogêneo, ainda mais num espaço tão plural e diverso quanto as redes sociais e, por essa razão, percebemos que o posicionamento do cantor não foi aprovado por todos os seus seguidores, inclusive por alguns LGBTQIA que também entenderam a peça como uma ofensa a Jesus Cristo e à fé cristã.

Antes de adentrarmos na análise dos comentários, precisamos lançar um olhar sobre a própria publicação e discutir a sua relação com o contexto social e político do Brasil no ano de sua divulgação, 2018.

---

<sup>5</sup> A peça, interpretada por Renata Carvalho, é uma adaptação do texto de Jo Clifford, traduzida e dirigida por Natália Malla.

Se segurando no poder do amor e engrandecimento humano que só a arte é capaz de proporcionar atravessaremos esses tempos de obscuridade no Brasil. A arte obriga as pessoas a olharem pro próximo. Esse é o maior medo dos religiosos fundamentalistas. Eles querem nos separar, mas através do poder infinito de transformação da arte e do amor permaneceremos unidos. Somos milhares de mães e irmãos e filhos, e se silenciam um de nós com violência e opressão outros milhões se levantarão. Nos multiplicaremos nas ruas e nas salas de aula e em todos os espaços. Ocuparemos incessantemente as ruas. Permaneceremos unidos no amor e na irmandade e no poder infinito de transformação e engrandecimento da arte. Mesmo quando tentarem nos quebrar. Seremos milhões de Marielles e Matheusas e Dandaras e Indianares. Seremos Jesus amando ao próximo como a nós mesmos. E ninguém, usando o manto que for, a coroa que for, o livro que for, vai poder querer nos dizer como amar.

Vemos que na postagem de Johnny Hooker não há uma referência explícita à peça de Renata Carvalho. No entanto, é preciso esclarecer que o texto é precedido de um vídeo com um momento de um de seus shows realizado na cidade de Garanhuns.<sup>6</sup> Além disso, todo o discurso do cantor se constrói em defesa da arte (“Se segurando no poder do amor e engrandecimento humano que só a arte é capaz de proporcionar [...]”), portanto, entendemos que há uma referência implícita ao acontecimento. Tais escolhas já foram o bastante para que toda a postagem mobilizasse comentários a respeito dos acontecimentos do festival.

Ainda que não fazendo referência direta à polêmica do Festival de Inverno de Garanhuns, é certo que o cantor a traz em seu discurso, abordando-a a partir de referências intertextuais. A mais clara delas quando cita Jesus e suas palavras (“Seremos Jesus amando ao próximo como a nós mesmos.”) e critica a intolerância e o ódio disseminado por “religiosos fundamentalistas”. Com isso, evidenciamos que o cantor constrói o seu discurso a partir da intertextualidade (que aqui cumpre o papel de figura de comunhão) e de figuras de escolha que apontam para dois sentidos possíveis de seu texto: o primeiro como uma afronta aos indivíduos que condenaram a peça, em sua grande maioria, homofóbicos e extremistas religiosos; e o segundo, como reforço da resistência de LGBTQIA e simpatizantes que entenderam a proposta artística do espetáculo.

---

<sup>6</sup> Link da publicação no Instagram disponível em <https://www.instagram.com/p/BlycOE7nXy3/?hl=pt-br&taken-by=hookerjohnny>. Acesso em: 16 de set. 2019.

Considerando o atual cenário político do Brasil, precisamos refletir a respeito da crescente onda de discursos fascistas que ganharam força com a imagem do então, em 2018, candidato à presidência Jair Bolsonaro. Na corrida presidencial, este candidato de extrema-direita, ao reafirmar valores preconceituosos, patriarcais e machistas, muitas vezes compartilhados por fiéis religiosos, acabou legitimando a manifestação pública de ódio às minorias, sendo as pessoas LGBTQIA grandes alvos desse pensamento. Portanto, toda a polêmica levantada no festival já era um reflexo desse discurso autorizado, que dissemina ódio e incita violências contra aqueles que não estão na “ordem”.

Na definição de nosso *corpus*, não encontramos sobre este ponto comentários desenvolvidos, mas dezenas de hashtag “Bolsonaro 2018”, que, no contexto da publicação, atua também como uma figura de comunhão, agrupando uma série de sujeitos que compartilham das ideologias e propostas divulgadas pelo então candidato em questão. Nesse contexto, é importante destacar que a frase “Jesus é travesti”, presente em nosso título, foi utilizada para criar uma *fake news* contra a vice da oposição, Manuela D’Ávila.

**Figura 1** - Foto original e fotomontagem de Manuela D’Ávila



Fonte: <http://sindipetro.org/2018/10/26/mentira-prejudica-eleicao/>

Na *fake news*, como se observa ao lado direito da imagem, circulava uma fotomontagem de Manuela vestindo uma camisa com a frase “Jesus é travesti”. A repercussão negativa gerada pela *fake* aponta para o fato de que construir um *ethos* da diversidade e uma corporeidade diferente para Jesus

Cristo pode ser uma estratégia eficaz quando se pretende desqualificar um candidato.

Ao se referir aos tempos de obscuridade, indubitavelmente, Johnny Hooker quis colocar em evidência a (re)disseminação desses discursos neofascistas, que já se desenhavam e tomavam força no *impeachment* de Dilma Rousseff e nos atos *pré-impeachment* (2015 – 2016). Essas ideias já estavam presentes em propostas como “escola sem partido”, na repressão a educadores, nas mentiras sobre a existência de um “kit gay”, na censura ao ensino de gênero e sexualidade e no ataque a uma inexistente “ideologia de gênero”. Todos esses fatores contribuíram gradativamente para que as manifestações misóginas, racistas e lgbtfóbicas passassem a ser vistas com normalidade, e os preconceituosos se vissem autorizados a destilar seu ódio. Assim, afirmamos que, ao divulgarem posicionamentos fascistas de figuras públicas, as mídias contribuíram para que este tipo de discurso fosse autorizado.

Em sua postagem, observamos que Johnny celebra a união (referindo-se à comunidade como uma família) e a bravura dos LGBTQIA em prosseguir em busca de seus direitos e de visibilidade: “Somos milhares de mães e irmãos e filhos, e se silenciam um de nós com violência e opressão outros milhões se levantarão”, ao mesmo tempo em que reforça sua indignação à repressão sofrida por Renata Carvalho ao ter seu espetáculo cancelado. Vale lembrar que o cantor parte de seu lugar legitimado, ou seja, é dono de um discurso autorizado, em razão de ser reconhecido no mundo artístico. Essa legitimidade é evidenciada ao recorrer a uma linguagem metafórica e bem articulada, típica de discursos eloquentes.

Além do uso de metáforas (“poder do amor”, “poder da arte”), encontramos eufemismos (“tempos de obscuridade no Brasil”), ao se referir, certamente, ao cenário político e à crescente onda de discursos de ódio contra as minorias, que também funcionam como figuras de escolha e comunhão; notamos ainda o uso diferenciado e significativo entre os pronomes “eles” e “nós”, em que o primeiro é utilizado para se referir aos grupos que invisibilizam e violentam as vivências LGBTQIA; e o segundo, como recurso de identificação de um coletivo que luta pela visibilidade e inclusão da comunidade LGBTQIA na sociedade, inclusive, no qual o próprio cantor se

coloca. Nesse jogo de escolhas pronominais, o cantor segrega valores e identidades, marcando linguisticamente o discurso polêmico.

Destacamos também o uso de hipérboles (“poder infinito da arte”, “milhões se levantarão”, “nos multiplicaremos”), o qual aponta para um tom de empoderamento em seu discurso. Além disso, evidenciamos uma retomada do discurso autorizado da Bíblia quando faz alusão a passagens do texto bíblico (“amando o próximo”), mostrando que também faz uma leitura da Bíblia e que não é seu objetivo afrontar Jesus, como afirmam os comentários críticos. Por fim, recorrendo a um trecho de uma música autoral (“ninguém vai poder querer nos dizer como amar”) aponta para os discursos de empoderamento que, mesmo diante de tanto ódio, têm sido produzidos e divulgados, especialmente por meio das redes sociais.

Todas essas estratégias conduzem o seu discurso à expressão de confiança em um futuro em que a comunidade LGBTQIA prosseguirá “saindo do armário”, expressando suas vivências e ocupando cada vez mais espaços. Encontramos, ainda, a presença da intertextualidade ao retomar nomes de LGBTQIA (Marielle, Dandara, Matheusa, Indianara) que funcionam, no contexto, como figuras de comunhão encontradas no lugar do existente, apontando para a presença de pessoas fortes que representam toda a comunidade, ainda mais quando estas foram assassinadas, vítimas do preconceito. No entanto, não funcionam só dessa maneira. Tais referências também atuam como uma crítica por meio de alusão a uma cultura lgbtfóbica, patriarcal e machista, que enquadra o Brasil como o país que mais mata LGBTQIA no mundo.

Como já apontado, no discurso de Johnny Hooker, notamos um tom de força, de empoderamento. No entanto, também evidenciamos uma afronta, um discurso que envereda pelo polêmico (por envolver questões de cunho identitário/sexual, religioso e político, ainda mais dentro do contexto pré-eleitoral). Embora não seja possível apontar para um interlocutor particular, explicitamente encontramos referência a um grupo específico: os “religiosos fundamentalistas”. Nisso, entendemos que a polêmica, em grande parte, gira em torno de questões religiosas, neste caso, muito ligadas à ascensão de grupos políticos religiosos, até mesmo porque a censura sofrida pela artista Renata Carvalho parte de argumentos em defesa da fé cristã, advinda



daqueles que julgam a representação de Jesus Cristo como uma travesti uma ofensa à religião.

Notamos, porém, que o discurso do artista não se constrói com o objetivo de ser uma afronta a Jesus Cristo, mas sim a valores das religiões cristãs, a posicionamentos conservadores da sociedade e a interpretações descontextualizadas da arte. No entanto, ainda assim o seu posicionamento gera uma onda de desconforto e revolta por parte de seus seguidores. Tanto é que, na postagem, encontramos, em maioria, comentários de pessoas “defendendo” a sua fé e julgando a peça e o posicionamento do cantor como uma ofensa à fé cristã. Vejamos em comentário:

**Comentário 1:** Com todo respeito foi lamentável a sua forma de protesto, um cantor do seu potencial não precisava disso, foi um insulto sem necessidade. Jesus Cristo é um dos maiores símbolos do ocidente... pena que vc ofendeu a fé alheia, e deixar claro nada contra a causa LGBT, e até agora não teve humildade de pedir desculpas.<sup>7</sup>

É interessante ressaltarmos que a defesa do ponto de vista desses usuários se sustenta em argumentos religiosos, recorrendo, muitas vezes, à própria Bíblia para explicar o quão ofensivo é criar uma imagem de Jesus Cristo como travesti. Um dos comentários compõe-se justamente de uma série de passagens bíblicas, sendo utilizadas, neste contexto, como argumentos de autoridade considerados irrefutáveis por esses seguidores por serem de caráter sagrado para eles: “Coríntios 6: 12: tudo posso, mas nem tudo me convém”; “a boca do tolo é a sua própria destruição, e os seus lábios um laço para a sua alma. Provérbios 18:7”. Aqui, refletimos sobre por que é tão polêmica a construção de uma imagem de Cristo que não a de um homem cisgênero, branco, de cabelos lisos, olhos claros e heterossexual. Entra em questão, portanto, a noção de *ethos* ligada à corporalidade que propõe Maingueneau (2001).

Por que Jesus não poderia ser um homem negro como a ciência, inclusive, aponta, uma mulher negra, um homem trans, uma mulher trans,

---

<sup>7</sup> Os desvios gramaticais e ortográficos, bem como as abreviações, típicas da linguagem das redes sociais, serão mantidos nas transcrições dos comentários, como forma de sermos fiéis aos textos.

uma travesti, um gay, uma sapatão? Tomando a construção da imagem do orador e de outros no discurso como *ethos* (FERREIRA, 2010, p. 90), ousamos dizer que porque a corporalidade de Jesus Cristo foi construída e é reiterada, principalmente pela igreja católica, como imagem e semelhança da “maioria”, inclusive numa perspectiva histórica, que aqui não será retomada, daqueles que detêm o poder e que ditam o padrão estético-corporal. Essa corporalidade se encontra tão inculcada no imaginário religioso brasileiro que se atrevera a interpretá-la, ainda que artisticamente, como um homem que subverte essa norma, provoca uma imensa repercussão dotada de ódio.

A quantidade de comentários que condena a representação de Jesus como travesti aponta para um *ethos* LGBTfóbico de nossa sociedade, uma vez que se mostra quase impossível não entender que o objetivo artístico foi o de colocar Jesus como uma minoria e mostrar que, assim como ele, as pessoas LGBTQIA são crucificadas pelos preconceitos e pela exclusão social. Trata-se de uma metáfora e não de uma ofensa. No entanto, construir para Cristo um corpo que foge à hétero-cis-normatividade é entendido como uma heresia, como mais uma imposição do que chamam de “ideologia de gênero”. Além disso, a indignação expressa, até mesmo pela comunidade LGBTQIA, aponta para a desigualdade e discriminação ainda mais frequentes aos corpos travestis, visto que o *ethos* prévio destes são relacionados, não raramente, à promiscuidade e à prostituição. Algumas escolhas lexicais como “nojo” e “vergonha” evidenciam que, mesmo ao se dirigir a um auditório particular, a heterogeneidade característica dos usuários das redes sociais não permitiu ao cantor Johnny Hooker estabelecer um acordo. Isso, principalmente, pelo fato de que seu discurso questiona e desqualifica valores vigentes na sociedade, expressos nos comentários dos seguidores por meio de lugares comuns como “religião não se discute”, observado no comentário abaixo.

**Comentário 2:** Nojo!! Sou gay sim assim como milhões por aí, e garanto que não teriam esse nojo de comportamento que o Sr. @hookerjohnny demonstrou. Mesmo que não creia que sua creça seja oposta, respeite! Uma coisa que seus pais ou até mesmo na escola não tenha aprendido religião não se discute. Você não envergonha apenas “alguns” homoafetivos e sim o mundo.

**Comentário 3:** VOCÊ NÃO REPRESENTA O PÚBLICO LGBTQ.

Nos comentários cabe-nos ainda apontar para a inversão das posições de agressor e de vítima. Indubitavelmente, o discurso de Johnny Hooker tinha a intenção de denunciar a censura feita pela população e os representantes políticos de Garanhuns à peça teatral. No entanto, verificamos pelos comentários que os cristãos se viram ofendidos, agredidos e vítimas de intolerância religiosa. O uso da caixa alta no comentário 3, por exemplo, reforça a indignação diante do posicionamento do cantor. Observa-se que os usuários, em defesa de seu ponto de vista, recorrem ao discurso autorizado da Bíblia, visto como sagrado e inquestionável. São citadas até mesmo passagens bíblicas, utilizadas para julgar o comportamento dos LGBTQIA como desviantes. Assim, encontramos muitos comentários em que os sujeitos dizem não ser homofóbicos e que como diz a palavra de Deus não se deve julgar ninguém, ainda mais quando a todos é dado o livre arbítrio (para estes, ser LGBTQIA é uma escolha).

Outros ainda argumentam não odiar a comunidade LGBTQIA porque Deus nos ensinou a amar o pecador, no entanto, é preciso reconhecer que Ele abomina o pecado. Diante desses argumentos, evidenciamos um mascaramento da LGBTfobia. Muitos afirmam respeitar a luta da comunidade, no entanto, são afirmações contraditórias, uma vez que representar Jesus como parte da comunidade soa como algo absurdo. Ainda sobre as estratégias de reforço de argumentos, notamos o uso até mesmo do discurso autorizado das leis, acusando o cantor por crime, descrito em artigos do próprio código penal. Outro tipo de argumento também muito presente se baseia nas agressões, ou seja, no argumento ad hominem. Vejamos alguns desses comentários:

**Comentário 4:** Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; (...)Respeito sua vida particular, mas você deveria respeitar a lei de nosso país:

Art. 208, do código penal: vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso. Pena – detenção, de 1 (um) mês a 1 (um) ano, ou multa. Espero que a lei se cumpra. E que você aprenda a praticar o respeito à diversidade religiosa do Brasil. Não precisa tentar mudar o Jesus histórico para propagar sua ideias (sic.).

**Comentário 5:** A boca do tolo é a sua própria destruição, e os seus lábios um laço para a sua alma. Provérbios 18:7.

**Comentário 6:** Meu sincero respeito aos LGBT's. Ora, se Jesus nos deu livre arbítrio quem sou eu para julgá-los e o mesmo digo quem são vocês para nos julgar? Aqui fala uma cristã que acredita na palavra que diz "Tudo posso mas nem tudo me convém" 1 Coríntios 6:12, aqui fala uma cristã que não deseja mal a ninguém, e que sabe que Jesus muito bem deixou em suas escrituras que muitos nos odiariam por amar-mos e adorar-mos a Ele! Eu vos respeito mesmo sem aceitar ou concordar com suas escolhas... e tenho o direito de não concordar, porque o meu país me permite isso e também vos permitem não concordarem com os pensamentos cristãos... mas isso não vos dá o direito de falar absurdos, de vilipendiar aquele que para nós é supremo! Tenham mais respeito! Não será assim que vocês conseguirão espaço na sociedade. Nada se consegue com violência moral!!

**Comentário 7:** Conseguiu ser visto por ofender religiosos tenho pena de uma bicha maconheira dessa, fala em amor, mas transpira ódio kkkkk Parabéns lacradora escrota.

Como aponta Amossy (2017), o discurso polêmico alcança seu ponto máximo pela desqualificação do outro. A violência, a agressividade e ódio são, de modo geral, as paixões mais mobilizadas nestes discursos. No comentário 7, por exemplo, o usuário parte de uma seleção de figuras de escolha que constroem semanticamente uma imagem negativa e estereotipada do artista, principalmente, pelo uso de palavras que remetem à comunidade LGBTQIA. Nesse comentário, observamos a presença dessas escolhas quando o usuário deprecia Johnny Hooker chamando-o de "bicha maconheira" e "lacradora escrota". Neste contexto, parece-nos que o ódio se justifica pela intenção do usuário em proteger e defender a sua fé, entendendo, como todos os outros usuários, que pensar Jesus Cristo como uma travesti se apresenta como uma grande ofensa à comunidade cristã.

### **Considerações finais**

A partir da análise aqui apresentada, verificamos um discurso polêmico em que diferentes grupos apresentaram seu posicionamento fundamentados em valores distintos. Por se tratarem de objetos de acordo para auditórios particulares, os valores presumidos pelo cantor e a argumentação baseada no intertexto, no uso de figuras e nas escolhas lexicais, principalmente, não alcançaram a adesão de todo o público que o segue. Discutimos que essas divergências são possíveis na argumentação, principalmente quando se trata

de um auditório amplo e heterogêneo como o das redes sociais. Nesse sentido, não podemos desconsiderar o fato de que os valores presentes na publicação remetem à religião no contexto da produção do discurso, muito atrelada a posicionamentos políticos e que a imagem de Jesus Cristo como uma travesti evidenciou um *ethos* intolerante da sociedade. Diante disso, vimos a disseminação de um discurso de ódio que prevaleceu nos comentários da publicação do cantor, materializados no uso do argumento *ad hominem*. Verificamos que, por tocar em questões de crença, de uma imagem religiosa que é Jesus Cristo, esse discurso se fez polêmico e rejeitado até mesmo por uma parte da comunidade LGBTQIA. Diante disso, observamos a construção de *ethé* religioso, intolerante e LGBTfóbico de nossa sociedade, o que, em parte, pode explicar os resultados da eleição para presidente em 2018. Além disso, as diversas *hashtag* #BOLSONARO2018 evidenciam a relação de uma crescente disseminação de discursos que reforçam a construção de *ethé* negativos e estereotipados da comunidade LGBTQIA na corrida eleitoral, o que pode ter contribuído para as críticas dirigidas ao posicionamento do cantor.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011. [séc. IV a.C].
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2013.
- AMOSSY, Ruth. Repensar a construção discursiva do espaço público. Bush em Massada, ou como se discute o evento no ciberespaço. Tradução: Rui Alexandre Grácio. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. esp. ADARR, p. 1-22, mai.2016.
- AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, p. 227-244, jan/jun.2017.
- BRAGA, Adriana A.; GUIMARÃES, Juliana D.A. Minorias e discurso na esfera pública digital: o caso da Parada Gay. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 11, n.30, p. 57-81, jan/abr. 2014.
- BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2004.

FERREIRA, Luiz Antonio **Leitura e Persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução: Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: A nova retórica. Tradução: Maria E. de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

### Forma de citação sugerida

CUNHA, Andréa Mendonça; MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. “Jesus é travesti”: um olhar sobre a LGBTfobia em discurso polêmico no Instagram. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 1, p. 81-102, 2020. DOI 10.17648/eidea-20-v1-2489.